



A FILOSOFIA DE AGOSTINHO DA SILVA NA CRIAÇÃO DE CENTROS DE ESTUDOS NO BRASIL

Gilberto Mendonça Teles¹

I. O Homem que foi além do Litoral²

Como todo português que chega ao Brasil, GEORGE AGOSTINHO DA SILVA foi inicialmente um homem litorâneo, fascinado pela beleza das praias, afeito à tradição marítima de sua gente ou então confirmando as comparações setecentistas de Frei Vicente do Salvador, para quem, na sua *História do Brasil*, de 1627, o Brasil tem “a figura de uma harpa” e os “portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar, como caranguejos”. Não é à toa que ainda hoje os gabinetes portugueses de leitura estão situados ao longo da costa brasileira, em Belém do Pará, Fortaleza, Recife, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Não há nenhum nas grandes cidades do interior do Brasil.

2 ¹ Anotações apresentadas na Mesa-redonda da Fundação Casa de Rui Barbosa, em 11.10.2006. Ampliadas para a conferência na Universidade Federal de Goiás, em 17.10.2006; e reescritas para as conferências na Faculdade Católica de Lisboa, em 16.11.2006, a propósito do CONGRESSO INTERNACIONAL DO CENTENÁRIO: “Agostinho da Silva, pensador do mundo a haver”; e no COLÓQUIO INTERNACIONAL: AGOSTINHO DA SILVA — “La participation de la lusophonie à l’universalité — construction d’une pensée européenne”, na Université Charles de Gaulle, em Lille, em 24.11.2006. Publicadas em *Agostinho da Silva: Pensador do mundo a haver*. Lisboa: Zéfiro / Gulbenkian, 2007. E reduzida para o discurso do Novo CEB na UFG, em 16.10.2013.

¹ * Professor Titular Emérito da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E, também, aposentado pela UFRJ. **Poeta** (*Hora aberta*, poemas reunidos, 2003) e **Ensaísta** em livros como *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro* (1972, hoje na 20ª edição), *Camões e a poesia brasileira* (1973), *A retórica do silêncio* (1986), *A escrita da escrita* (1996), e *Contramargem* (2002).

Agostinho da Silva chegou ao Brasil no início da década de 1950 e deixou-se ficar inicialmente pelo litoral: na Paraíba, em Pernambuco, na Bahia, em São Paulo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Só depois de 1961, com a mudança da capital para Brasília, com a criação da Universidade de Brasília e de um *Centro Brasileiro de Estudos Portugueses*, foi que veio ao Planalto. Por essa época começava a expansão das novas Faculdades de Filosofia e das novas universidades, como a Católica e a Federal de Goiás, ambas criadas no início da década de 1960.

Dois anos depois, o reitor-fundador da Universidade Federal de Goiás, Colemar Natal e Silva, esteve na Nova Capital com o reitor da Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro, que lhe falou de Agostinho da Silva, professor português, com grande experiência da expansão da língua portuguesa. Agostinho da Silva conhecia de perto a sobrevivência da língua portuguesa no Timor Leste e nas então colônias portuguesas da África: Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. E conhecia agora o português brasileiro. Ora, o fundador da Universidade Federal de Goiás era um homem politicamente tocado pela ideia do *novo*. Imediatamente convidou Agostinho da Silva a visitar Goiânia e a pronunciar ali uma conferência. Para isso, organizou uma Semana de Planejamento da Universidade.

Essa Semana iniciou-se em 22 de janeiro de 1962, com uma conferência de DARCY RIBEIRO; continuou nos dias seguintes com as de AGOSTINHO DA SILVA, WALNIR CHAGAS (do Conselho Federal de Educação), BENEDICTO SILVA (da Fundação Getúlio Vargas) e ÉLDER DA ROCHA LIMA (Professor de Arquitetura da UFG). A conferência de encerramento coube ao reitor COLEMAR NATAL E SILVA, que resumiu e comentou os principais tópicos das conferências anteriores, e tomou a conferência de Agostinho da Silva como modelo, falando, a partir dela, da renovação da universidade brasileira e do que era preciso fosse novo na Universidade Federal de Goiás.

Mas o que mais encantou o primeiro reitor da UFG foram as ideias de Agostinho da Silva sobre a necessidade de se criarem *centros de estudos* para o conhecimento do Brasil, isto é, para que os próprios brasileiros pudessem conhecer o seu País. Agostinho da Silva pensava em quatro pontos estratégicos do território nacional. Sublinhou a importância do **Centro Brasileiro de Estudos Portugueses** já em funcionamento na Universidade de Brasília; do **Centro de Estudos Afro-Orientais**, também em atividade na Universi-

dade da Bahia; a de um futuro **Centro de Estudos Latino-Americanos**, a ser fundado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e – o que seria o ideal – um **Centro de Estudos Brasileiros**, que funcionasse no coração do Brasil, na Universidade Federal de Goiás. Diante de tal pensamento, que iluminou o projeto de uma universidade nova e culturalmente importante, o reitor Colemar Natal e Silva acatou a sugestão e declarou criado o **Centro de Estudos Brasileiros** da Universidade Federal de Goiás. E imediatamente, por sugestão de Agostinho da Silva, indicou meu nome para estruturá-lo e, logo depois, me nomeou o seu diretor³, cargo em que estive até o fechamento do Centro em 1964.

Revivia-se com a utopia de Agostinho da Silva o **arquétipo mítico** dos povos andinos, projetava-se um quadrilátero cósmico sobre a cultura brasileira: no **Leste-Nordeste**, o da Bahia voltado para o mundo Oriental; no **Sul**, um a ser fundado do Rio Grande do Sul, aberto para o Atlântico Sul e para os povos Latino-Americanos; no **Planalto Central**, o de Goiás como lugar de pesquisa e de conhecimento do Brasil; e, finalmente, o de **Brasília**, como lugar de síntese do sentido geo-político da cultura brasileira. [Trinta anos antes o arquiteto de Goiânia havia inscrito, em forma de um triângulo cósmico, os três grandes rios de Goiás na **planta arquipoeítica de Goiânia**.] As palavras e a filosofia de Agostinho da Silva projetavam a esperança na transformação e no aperfeiçoamento das instituições culturais do Brasil. O seu presente não se atualizaria num futuro linear, pois o seu presente tinha de ser logo modificado para o novo sentido vertical de futuro, melhor dizendo, de um Porvir, um *futuro* transformado.

Sem que isto estivesse explícito no seu discurso, ele parecia retomar a visão mítica dos antigos incas que imaginavam o seu “império” no sentido do **Tihuantisuyo**, isto é, dos “**quatro pontos cardeais**” ou dos “quatro cantos do mundo”. Esta imagem se tornou freqüente nos manifestos das vanguardas latino-americanas, a partir de 1916. De tal maneira a imagem dos quatro pontos

3 Até então, eu era funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com trabalhos publicados sobre história literária e filologia. Chegando a Goiânia, Agostinho da Silva foi me conhecer e logo me convidou para a conferência que ia fazer na Universidade. Foi dele, portanto, a idéia do meu nome para organizar e dirigir o futuro centro de estudos, o que motivou a minha requisição para trabalhar na Universidade Federal de Goiás e o meu posterior desligamento do IBGE.

cardeais foi importante para os vanguardistas da América Latina da década de 1920, que um deles — o chileno Vicente Huidobro — escreveu lúdica e politicamente no seu poema *Altazor*, de 1931, que, para os sul-americanos, “*los cuatro puntos cardinales* sontres: *Nord y Sur*”, numa alusão humorística e crítica à situação de terceiro mundo dos países latino-americanos. Já no século XVI, Luís Vaz de Camões havia pressentido essa imagem cósmica no oferecimento de *Os Lusíadas* a d. Sebastião, como na conhecida hipérbole da estrofe 8ª do Canto I de *Os Lusíadas*:

Vós, poderoso rei, cujo alto império
O sol, logo em nascendo, vê primeiro.
Vê-o também no meio do Hemisfério
E quando desce o deixa derradeiro.

A *imagem* dos pontos cardeais como limites de um império ou de um pensamento atualizava o sentido dialético de *Regional versus Nacional*, tema permanente num país como o Brasil, de dimensões continentais, onde as várias regiões — e as universidades dessas regiões — enfrentam constantemente a discussão não resolvida a este respeito. Até há pouco tempo ser nacional no Brasil era escrever e publicar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, num claro menosprezo às culturas e às grandes cidades do interior, muitas delas com mais de um milhão de habitantes. Neste sentido, as próprias universidades brasileiras do interior até hoje não assumiram plenamente o sentido de suas regionalidades.

2. O Homem que viu de dentro do brasil

O discurso de Agostinho da Silva em Goiás reafirmava o sentido do **espaço mítico** em que se fundava a Universidade, no interior, no não-litoral, no centro geopolítico do Brasil, lugar de expansão, de alargamento geográfico do território, tema recorrente no seu pensamento de se imaginar o Brasil “a haver”, um país do *futuro*, como no famoso livro de Stefan Zweig, escrito dez anos antes de Agostinho chegar ao Brasil. Para o filósofo português o Brasil era uma permanente projeção para o futuro. E concluía, juntando os sentidos de tradição e vanguarda na presentificação da vida humana:

Não vale a pena no fundo planejarmos coisa nenhuma para nossa vida. As nossas vidas serão sempre mesquinhas se elas se incluírem dentro do restrito tempo e dentro do restrito espaço em que nossas vidas podem desenvolver. Elas só são

grandes, quando nós incluímos, juntamente com a vida dos que viveram antes de nós e juntamente com a vida daqueles que são nossos contemporâneos, a vida daqueles que virão depois de nós.

É com humor e oportuna ironia que comenta, nesse ano de 1962, que para os africanos e asiáticos os valores europeus “*estão inteiramente falhados*”, porque “A Europa os abandonou sem que tivesse dado médicos, engenheiros, sem que tivesse dado mecânicos, sem que tivesse dado administradores, sem que tivesse orientado para nenhuma espécie de vida livre”. Ao passo que “*O Brasil sabe como ser feiticeiro sem ser aprendiz de feiticeiro que desencadeia as forças sem se submeter às suas vontades*”.

O Brasil – escreveu ele – tem a displicência e as boas qualidades da preguiça e as boas qualidades de chegar atrasado e as boas qualidades do seu desajustamento suficientes para não acreditar que as coisas mecânicas sejam deuses, para não acreditar que a Suíça, por exemplo, seja o melhor país do mundo, porque os trens chegam exatamente no horário. Que importa? Se até hoje toda a civilização suíça deu de si apenas um relógio de pulso. Mais coisa nenhuma.

Dentro desta maneira especial e irônica de ver e pensar uma nova universidade no Brasil foi que Agostinho da Silva viu mais profundamente o Brasil e passou ao reitor da recém-fundada Universidade Federal de Goiás a visão mais que pedagógica de um Centro de Estudos Brasileiros, um centro que pudesse ensinar a língua, a ciência, a cultura e os problemas do Brasil aos próprios brasileiros.

3. O Sentido Maior do Centro de Estudos Brasileiros

No seu discurso, Agostinho da Silva começava por situar as universidades brasileiras na sua função social, como uma coletividade que se relaciona com outras coletividades, afirmando, com muita ênfase, que “Esta Universidade, como outras Universidades [...] *só será grande na medida em que imaginar o futuro, em que imaginar um grande sonho*”. E na sua linguagem filosófica e ao mesmo tempo poética acrescentava que “não ter medo dos sonhos é a primeira coisa que devemos ter na vida. E, depois de não ter medo dos sonhos, não devemos ter medo de os ir realizar imediatamente”.

Sabendo da situação do ensino no Brasil, ele foi capaz de afirmar o que ninguém havia notado: “Não há atualmente nas Universidades [brasileiras] nenhum lugar onde alguém se possa formar em estudos brasileiros. Não há nada onde

se possa aprender o Brasil. Por isso esse Centro de Estudos Brasileiros, que não existe em parte alguma, tem que se fazer: “E esse Centro de Estudos Brasileiros tem que ser neste vosso Goiás, neste centro do Brasil, no meio do Brasil, região que foi de gente bandeirante e tem que continuar de gente bandeirante.”

E assim, o Centro de Estudos Brasileiros foi pensado como uma superestrutura da Universidade Federal de Goiás. O fundamento filosófico que inspirou a sua criação era o de que a universidade, com seus institutos e faculdades, cada uma com o seu currículo especializado, não “tinha tempo” para estudar a realidade brasileira. Daí a necessidade de um organismo que atuasse como um *espírito universitário* de conscientização da realidade nacional. O Centro de Estudos Brasileiros seria o espírito universitário, o lugar de união cultural da Universidade Federal de Goiás. Basta ver os seus objetivos gerais, publicados no primeiro (e único) número dos *Cadernos de Estudos Brasileiros*:

1. Formar professores de estudos brasileiros.
2. Conhecer as possibilidades artísticas e científicas do Brasil, levando o aluno a especializar-se em cultura brasileira.
3. Dar o exato valor da nossa evolução no plano cultural, de modo a despertar maior interesse pelas nossas coisas e problemas.
4. Formar especialistas em assuntos brasileiros, com amplas bases de conhecimento dos aspectos político, social, econômico e artístico do Brasil.
5. Promover e executar investigações científicas de interesse para o conhecimento do Estado de Goiás e do Brasil.
6. Através de palestra, seminário e curso de extensão, mostrar ao povo, que não tem oportunidade de freqüentar escolas superiores, as artes e a cultura brasileiras.
7. Manter vivo intercâmbio com educadores, cientistas, escritores e políticos de projeção no cenário cultural brasileiro.
8. Entrar em contacto com estudantes estrangeiros, interessados no Brasil, proporcionando-lhes oportunidade de conhecer a nossa cultura.

Agostinho da Silva visitou algumas vezes o Centro de Estudos Brasileiros: esteve na sua aula inaugural no dia 11 de março de 1962 e escreveu um belo artigo para os *Cadernos de Estudos Brasileiros*. No fim de 1962 se formou a primeira turma do CEB. A segunda, em dezembro de 1963, era composta de 15 alunos e teve como Patrono o Prof. Dr. George Agostinho da Silva. O reitor

Colemar Natal e Silva expôs o seu pensamento sobre a função do Centro na Universidade. Depois disso, tive a honra de dar a palavra ao paraninfo da turma, Senador JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA. Infelizmente, o discurso de Juscelino foi confiscado pelos militares no ano seguinte. Salvou uma foto da solenidade, que me foi gentilmente enviada por profa. Belkiss Carneiro de Mendonça, e publicada por Eliane Vasconcellos no livro *A Plumagem do nome: Gilberto, 50 anos de poesia*, de 2006:



Segunda (e última) formatura do Centro de Estudos Brasileiros (UFG), em 15 de dezembro de 1963, vendo-se, da esquerda para a direita Gilberto Mendonça Teles (diretor do CEB), Mauro Borges Teixeira (governador de Goiás), Colemar Natal e Silva (magnífico reitor da UFG), Juscelino Kubitschek de Oliveira (senador por Goiás e paraninfo dos alunos do CEB) e Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça (diretora do Conservatório de Música da UFG, onde se realizou a solenidade). [Vejam-se, na Nota final, os alunos que terminaram o curso naquele ano.]

Com a revolução militar de 1964, o Centro de Estudos Brasileiros da UFG foi fechado e o seu diretor exonerado pelo Ato Institucional nº 1, de 9 de outubro de 1964, sob a acusação de que o Centro era “comunista” porque “estudava o Brasil”. O triste era saber que muitos de seus professores passaram a ignorar o

seu nome, eliminando-o de seus currículos por medo da delação, da deduração que corria solta por Goiânia que, na época, não fazia nada sem ouvir Brasília. Para que os alunos matriculados não sofressem solução de continuidade nos seus estudos, consegui que o Conselho Universitário, de que eu continuava fazendo parte, aprovasse a passagem deles para os cursos de Letras, de História e de Ciências Sociais.

É curioso como num trecho de seu discurso Agostinho da Silva se valeu das metáforas náuticas dos portugueses, para anunciar profeticamente a catástrofe político-militar que fecharia o primeiro Centro de Estudos Brasileiros desta Universidade:

Coisas surgirão – diz ele – nas quais nem sequer pensávamos e que nos poderão ajudar. E um dia, quando isso estiver feito, e nos lembrarmos desta noite e nos lembrarmos deste projeto e nos lembrarmos deste sonho que lançamos, assim nós iremos verificar que afinal a História estava exigindo e que nós nada mais fizemos que **embarcar no tal barco** de que falávamos no início **e remar** um pouquinho, porque, às vezes, quando **o vento falha é necessário mesmo remar**, mas que na maior das vezes é de muito bom gosto ir deixando que **o barco derive por onde quer sem que façamos nenhum esforço**.

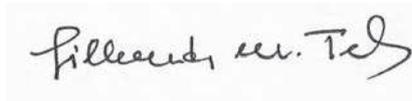
E foi o que se deu: a política interna da UFG fechou o Centro, interrompeu as suas atividades culturais de ensino e pesquisa. Na verdade, como escrevi em 2002, numa entrevista ao jornalista Luiz de Aquino, publicada no *Diário da Manhã*, quando ele me perguntou como era a “vida universitária” na época do Centro. Respondi que simplesmente não existia ainda uma “vida universitária” em Goiás, com um *espírito verdadeiramente universitário*, no sentido exato da expressão. Goiás criou as suas duas primeiras universidades sem ter a exata compreensão do que seria verdadeiramente uma universidade. Havia, isto sim, havia um clarão, um ideal de se fazer alguma coisa importante que se foi fazendo e hoje constitui um símbolo do que há de mais positivo na vida cultural de Goiás. Antevi isto em 1964, antes do golpe militar, quando afirmei no livro *A poesia em Goiás* (p. 196) que

num momento em que todo o nosso edifício político oscila impotente e corrompido, uma instituição de ensino superior se ergue no centro do Brasil e, com a mais absoluta consciência de sua missão pedagógica e cultural, rompe ousadamente com os diques de uma tradição universitária de certa forma responsável

pelo lento despertar do povo brasileiro. Isto por que a UFG, em qualquer de seus propósitos, nesta ou naquela unidade de ensino, está procurando voltar-se inteiramente para a sua área geográfica, sem contudo abandonar os grandes temas de interesse humano e universal, numa perspectiva de realizações ainda longe de ser exatamente dimensionada.

Sei que pode ser inoportuno mencionar essa entrevista de dez anos atrás, sobretudo no momento em que a Universidade Federal de Goiás, redimensionada, faz hoje a décima edição do seu Congresso de Pesquisa e Extensão [Conpeex] e nela, nesta edição, põe ênfase na **Primeira Jornada do seu novo Centro de Estudos Brasileiros**, revelando novas perspectivas de presentificação do seu futuro. Mas o contexto de 1962 serve aqui para retomara conhecida metáfora de Agostinho da Silva, a que comparou o antigo Centro de Estudos Brasileiros a um barco que se lançava numa tempestuosa travessia... O barco ficou à deriva por longos 50 anos; se soçobrou com seu primeiro casco, as suas velas entretanto foram percebidas a distância e a beleza de seu ideal está sendo retomada por homens como os professores drs. Anselmo Pessoa Neto, Wolney Alfredo Arruda Unes e Antón Corbacho Quintela, os quais, sob a iluminada direção de outro magnífico reitor, o prof. dr. Edward Madureira Brasil, o estão novamente lançando ao mar, melhor dizendo, aos grandes rios de Goiás, à ousada aventura de outras esperanças e porvir.

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2013



Nota Final:

A formatura da turma de 1963 se deu nos dias 13 a 15 de dezembro. Os **concluintes** foram: Ana Maria Garcia, Carlete Lino, Emílio Pereira dos Santos, Herbert Assis Gonçalves, Humberto de Nascimento Andrade, José Carlos de Almeida (Presidente do Centro Acadêmico Agostinho da Silva), José Mendonça Teles, José Vaz de Oliveira, Luís de Lourdes B. Curado, Maria Aparecida Gomes, Simonides Martins Rezende, Sebastiana Lélis Coelho, Stela Dalva Leite e Valeriano Ribeiro Pereira (Orador). Um desses alunos – sabe-se hoje – era informante do Serviço Nacional de Informação (SNI) e relatava tudo o que se ensinava de



História, Economia e Sociologia. Os **professores** que constam do convite são: Amália Hermano Teixeira, Antônio Geraldo Ramos Jubé, Antônio Theodoro da Silva Neiva, Bernardo Elis Fleury Curado, César Ribeiro de Andrade, Domingos Félix de Sousa, Elder Rocha Lima, Genezy de Castro e Silva, Horieste Gomes, José Luís Nunes, Modesto Gomes da Silva, Manoel Dias Corrêa, Ruy Ferreira Bretãs e Vicenzo Falconi. O diretor consta como homenageado.